

# Presidente admite candidatura em 1998

Seguro da qualidade de seu governo, Fernando Henrique começa a construir o FH que o levará à campanha da reeleição

"Nas condições de hoje, e com a emenda que permite a reeleição aprovada pelo Congresso, o senhor disputaria novo mandato?"

"Disputaria." Fernando Henrique quer ser reeleito. Como quase todos os seus antecessores (e sucessores) está convencido de que faz um grande governo, de que não há alguém à mão com suas qualificações e de que uma troca de timoneiro pode colocar em risco o projeto que conduz. À diferença de alguns de seus antecessores, como Fernando Collor depois das denúncias de seu irmão Pedro, José Sar-

ney depois do naufrágio do Cruzado, e João Figueiredo depois da explosão da bomba do Riocentro, FH tem fortes argumentos para falar bem de si próprio. A estabilidade da moeda é o principal, mas, como ele mesmo gosta de lembrar, o fato de não se falar mais em crise de governabilidade mostra que o Brasil tem governo. Há gente contra, mas o presidente não chega a classificar o PT e o PDT como verdadeira oposição. Maluf? Talvez, mas por enquanto não quer briga com ele e, se possível, com ninguém. Há um novo FH em construção, preocupado em somar tudo o que

for possível. À primeira vista, pode-se pensar que seja uma construção utilitária em busca dos três quintos do Congresso necessários à aprovação da emenda constitucional que permite a reeleição. É bem mais que isso. É um presidente que compõe a figura política que o levará à campanha de 1998 e, a menos que seja apanhado por um desastre econômico, provavelmente sairá dela vitorioso. Durante um almoço no Palácio da Alvorada (arroz com pastel e filé com recheio de ameixas), alguns contornos da figura política desse FH-98 emergiram na seguinte entrevista:

Elio Gaspari

• O senhor pretende disputar a reeleição?

**FERNANDO HENRIQUE:** Eu sou favorável à reeleição, como idéia. Hoje ela não está prevista na Constituição. Se a Constituição vier a ser emendada, acho que deverei ter direito de disputá-la. Não tê-lo, seria um casuísmo, um afastamento. Haverá gente contrária ao princípio. É uma posição compreensível, que pode ser discutida, mas, havendo o princípio, o incumbente, como dizem os americanos, devo ter o direito de disputar os votos dos brasileiros. O contrário seria fórmula de ocasião.

• O senhor quer disputar a reeleição?

**FH:** É cedo para que eu possa dizer que vou me candidatar.

• É cedo ou é astúcia?

**FH:** Não tem nada de astúcia. Um presidente não pode dizer que quer isto ou aquilo. É preciso sentir se a sociedade está disposta a aceitar sua candidatura. Tem que perceber se está credenciado. Quando eu defendo o princípio e quando o defendo entendendo que não se deve excluir a minha candidatura, isso não significa que eu seja candidato. É necessário saber direito muitas coisas. Como o PFL vê essa questão? Como o PSDB e o PFL vêem o futuro da aliança que os levou ao Governo? Até hoje esta aliança funcionou. Em que termos funcionaria mais adiante? E o PMDB?

• Colocando a questão de outra maneira: há alguma chance de o senhor decidir não disputar a reeleição, mesmo podendo fazê-lo?

**FH:** Há. Bastaria surgir algum imprevisto com minha saúde. Há outras soluções políticas? Valeria a pena arriscar? Qual o melhor nome para continuar o projeto político que está em andamento no Brasil?

• O senhor se acha um bom nome?

**FH:** O Brasil mudou nos últimos dois anos. Basta lembrar que uma das palavras frequentes no noticiário político era ingovernabilidade. Falava-se até em crise da governabilidade. Felizmente essa palavra desapareceu do nosso cotidiano. O Brasil tem governo e o povo sabe disso. Sabe que ele segue uma linha conhecida e até mesmo previsível.

• Nas condições de hoje, e com a emenda que permite a reeleição aprovada pelo Congresso, o senhor disputaria novo mandato?

**FH:** Disputaria.

• Olhando para trás, da lista de seis presidentes civis de certa forma chegaram ao poder pelo voto, quais o senhor acha que teriam se desempenhado bem num segundo mandato? Na lista estão Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros, João Goulart, José Sarney, Fernando Collor e Itamar Franco.

**FH:** Juscelino, sem dúvida.

• Juntando-se Fernando Henrique Cardoso à lista e, admitindo-se que ele venha a ter um bom desempenho, o placar fica em cinco a dois. Ele não sugere que a reeleição é uma coisa perigosa?

**FH:** Tudo na vida pode ser perigoso, até atravessar a rua. A reeleição pode de fato ser perigosa. A existência desse princípio constitucional pressupõe uma sociedade em que a opinião pública esteja de certa forma imune à manipulação do Governo. Hoje você tem a crítica da sociedade. Tem



FERNANDO HENRIQUE CARDOSO: "O Brasil tem governo e o povo sabe disso. Sabe que ele segue uma linha conhecida e até mesmo previsível"

*"O pensamento progressista busca proposições amplas. No Brasil, só temos propostas velhas, nas quais se defende aquilo que se supõe ser progressista por meio de blocos estanques"*

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

passo no Congresso. O que se tem de fazer? Buscar quem conduza o processo sem sobressaltos. Uma coisa já está entendida, aqui dentro e lá fora: o Brasil tem rumo. Pode-se gostar ou não gostar desse rumo, mas não se pode negar que ele existe.

• Em 1994, quando o mandato presidencial foi encurtado de cinco para quatro anos, o dispositivo da reeleição não conseguiu ser aprovado. O PSDB e o PFL deixaram que isso acontecesse porque Luiz Inácio Lula da Silva estava com quase 40% de preferências nas pesquisas. Se hoje o mandato é curto e faz falta a reeleição, isso não é resultado de um erro cometido para cortar o caminho de Lula?

**FH:** Sem dúvida.

• O senhor não acha que a reeleição dos governadores e prefeitos pode acabar beneficiando os piores?

**FH:** Eu não quero entrar nessa discussão de forma a influenciá-la. Mesmo assim, se você olha para trás, vê que houve casos em que maus governadores elegeram

que o Brasil está cansado de velharias. Dê cinco exemplos de velharias.

**FH:** Primeira: os privilégios das aposentadorias do serviço público. A idéia de que pode existir um sistema no qual alguns privilegiados ganhem aposentadorias gordas. Isso é uma velharia, porque hoje já se sabe que esse sistema quebra, prejudicando os mais humildes. Segunda: a idéia de que a concessão de um serviço público é uma alienação do patrimônio nacional. É uma velharia porque o público já aprendeu a exigir melhores serviços e não quer continuar pagando por anacronismos. Terceira: a quimera segundo a qual quem tem mais dinheiro deve ter direito ao mesmo atendimento de saúde que os que não têm dinheiro suficiente para se tratar. É uma velharia porque os mais humildes ficam sem tratamento, ou todos vivem na ilusão de um direito, sem tratamento adequado. Quarta: a atitude defensiva segundo a qual o Brasil deve temer os outros países porque, sendo subdesenvolvido, não pode competir com eles. Onde competimos obtivemos resultados surpreendentes e, onde achamos que não devíamos permitir a competição, acabamos mutilando nossa capacidade de empreender. Quinta, esta talvez seja a mais caduca das velharias: a junção de três perversidades — nada está melhorando, nada vai melhorar e nunca conseguiremos viver tão bem como vivemos antes. Agora a sua essência irracional e

• O que o senhor acha da seguinte proposta: o presidente, o governador e o prefeito podem se reeleger, mas nos quatro anos seguintes não podem se candidatar a coisa alguma? Uma espécie de abstinência depois do fastio.

**FH:** Para presidente, havendo reeleição, estou inteiramente de acordo. Aliás, acho que, depois de ocupar a Presidência por dois mandatos, o cidadão deveria se retirar da vida político-eleitoral. Quanto aos governadores e prefeitos, vamos discutir. A idéia não me parece má.

• Há poucos dias o senhor disse

derrotista, é uma velharia conservadora, ao gosto de quem não quer mexer em nada, porque tem medo do novo.

• Velharia, então, é a esquerda?

**FH:** Eu não colocaria a coisa dessa forma. O que faz falta ao Brasil é uma esquerda mais atual. Nós temos que entender que não se pode esperar que o mercado resolva todos os problemas. Ele tem limitações, e a história do mundo e da própria esquerda é a vitrine do aperfeiçoamento dessas limitações. Hoje, o problema central do chamado pensamento progressista é buscar proposições amplas, universais. No Brasil, em vez de uma esquerda capaz de fazer isso, temos apenas propostas velhas, nas quais se defende aquilo que se supõe ser progressista por meio de blocos estanques.

• Por exemplo?

**FH:** Vamos pegar a questão da educação. É um problema essencial da nossa sociedade e, nele, o núcleo das dificuldades está na necessidade de melhorar o ensino básico. O governo mandou ao Congresso um Plano de Valorização do Magistério e um projeto de racionalização do uso dos recursos públicos. O que fez a esquerda? Votou contra. Apresentou projeto melhor? Não. Mostrou algum pecado capital no nosso projeto? Também não, simplesmente votou contra. Agora vamos para a questão do ensino superior. Tente mexer num só privilégio, numa só velharia. A esquerda se mobiliza com muito mais vigor para defender essas posições do que para cuidar do ensino básico. Falta-lhe uma política universal para a educação. A esquerda brasileira se mobiliza mais a favor da universidade gratuita, que indiretamente beneficia alunos ricos, do que pela melhoria do ensino básico, onde estão os filhos dos pobres. Ela se move em função de blocos velhos. Pior para ela.

• O senhor recebe R\$ 7 mil por mês como professor-titular aposentado da Universidade de São Paulo. Isso não é um privilégio?

**FH:** É. Esse tipo de aposentadoria não existe só na USP e acho que não recebo isso tudo, que talvez seja o valor integral da aposentadoria bruta dos titulares. Acredito que recebo alguma coisa mais que R\$ 4 mil líquidos. Mesmo assim, é um privilégio. Quem paga essas aposentadorias são os trabalhadores que estão embaixo, ganhando pouco. Quando você olha as aposentadorias de uma minoria do funcionalismo e as compara com as dos trabalhadores do INSS, o privilégio salta aos olhos.

• O prefeito de Porto Alegre, Tarso Genro, diz que é a favor do princípio da reeleição, mas não quer que ela valha para o senhor. Ele ressalvou, contudo, que se para impedir que o senhor continue no Planalto, for necessário formar uma frente com os ex-presidentes Itamar Franco e José Sarney, bem como com o deputado Paes de Andrade, então prefere que o senhor se reeleja. Não é uma novidade, vinda de um peitista?

**FH:** Eu conheço pouco o Tarso Genro. Tudo o que li dele mostrou-me que é um homem com pensamento político. Não sei o que ele pensa sobre o que deveria ser uma esquerda contemporânea. Gostaria de conversar com ele. Não digo isso por causa desse artigo, até porque já houve algumas gestões para que nos encontrássemos, mas não prosperaram, não lembro a razão.

Continua na página 15